

De acordo com Ribamar Lopes (1994) em seu livro *Literatura de cordel: antologia*, a denominação cordel é oriunda de Portugal, pelo fato de os folhetos serem expostos à venda, montados num cordão ou cordel. No Brasil, o cordel chegou através dos colonizadores portugueses e se fixou no nordeste. A publicação de cordéis no país começou no final do século XIX com o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros. Os primeiros cordéis chamados de “folhetos sem capa” por Liêdo Maranhão (1981) em seu livro *O folheto popular: suas capas e seus ilustradores*, possuem como característica a ausência de algum tipo de ilustração na capa, sendo compostos apenas por tipografia e ornamentos.

Para a elaboração deste trabalho foi feita uma pesquisa documental em bibliotecas como a Fundação Rui Barbosa (RJ) e também foi realizada uma pesquisa de campo na Lyra Nordestina (Antiga tipografia São Francisco que foi durante anos a maior produtora de cordéis do país). Foram analisados os diferentes tipos de folhetos de cordel e como ocorreu a sua evolução até os dias de hoje. Para a análise, foi utilizada a classificação usada por Liêdo Maranhão (1981) que dividiu os folhetos de acordo com o tipo de ilustração de suas capas em: Folhetos sem capa, Desenho popular, Cartão postal, Fotografia e Gravura popular, a fim de poder dar conta dos tipos de folhetos de hoje em dia, foi adicionada a categoria de: Folhetos contemporâneos. Além das capas analisou-se o formato e o tipo de impressão dos folhetos.

Com esta pesquisa sobre a evolução dos folhetos de cordel durante esses mais de 100 anos de história, foi possível observar que, apesar de tardia em relação a outros tipos de publicação, a evolução dos folhetos no Brasil dialoga com a dos livros, como expõe Rafael Cardoso (2005) em seu livro *Design Brasileiro antes do Design: Aspectos da história gráfica, 1870-1960* que estes eram inicialmente compostos apenas por tipografia e ornamentos e durante o decorrer dos anos foram sendo utilizados outros tipos de ilustração.